

As razões da noticiada reação dos Kayapó são antigas. Em primeiro lugar, eles ainda guardam na memória as baixas sofridas em razão do contato, por doenças e armas de fogo. Também lembram das transferências forçadas que sofreram de um lado para outro, e das partes de seus territórios que foram perdendo com a chegada dos não-índigenas.

Em 1989, poucos meses após a promulgação da CF, a Eletronorte anunciou que parte das terras Kayapó seria inundada pela UHE projetada de "Kararahô": mais uma perda. Mas ali, durante a audiência pública, o gesto da índia Tuíra, de passar o terçado (facão) no rosto do representante da Empresa, acabou por provocar o abandono temporário do projeto.

Agora o mesmo projeto volta, como parte do PAC, com o nome de UHE "Belo Monte". Há cerca de três anos diversas organizações vêm denunciando a gravidade dos impactos sociais e ambientais que provocará.

Na semana passada, estas entidades realizavam uma audiência pública para tratar do assunto. Diversos povos indígenas estavam presentes. Os Kayapó, como sempre fazem, portando os seus instrumentos de guerra (arcos, flexas, lanças, bordunas, e facões).

O engenheiro da Eletrobrás, em seu discurso, teria sido muito incisivo, colocando o projeto como fato consumado, não restando aos índios nada a fazer senão se submeter ao mesmo. Os índios passaram a vaiá-lo. O engenheiro continuou o mesmo discurso, o que irritou mais ainda os Kayapó. O clima foi ficando mais tenso, mas o engenheiro não desistiu de sua fala. Então as mulheres Kayapó, como de costume, tomaram a dianteira e mostraram a sua insatisfação com a fala do engenheiro e com a omissão dos guerreiros. Pronto. Os homens então cercaram o engenheiro, começaram a rasgar a sua roupa, e a bater nele (e não a esfaqueá-lo) com o terçado. Pelo que vi das cenas mostradas na tv, o corte deve ter ocorrido quando ele caiu no chão.

Veja só. Os Kayapó são exímios no manejo dos terçados. Se, como diz a imprensa, eles o tivessem "atacado", o engenheiro teria virado picadinho. Durante toda a semana vimos a imprensa mostrando aquela cena do padre numa casa comercial, comprando facões para os índios. No Pará, as manchetes nos jornais diziam "Padres armam os índios", etc. Levantou-se a tese de co-autoria de um crime premeditado.

No entanto o que a imprensa não diz é que quem forneceu efetivamente o terçado aos Kayapó não foi aquele padre, mas as primeiras expedições de "pacificação". É corrente nas narrativas das expedições que faziam os primeiros contatos com grupos "arredios", que sempre se deixava como "presente" para os índios três itens básicos: espelhos, miçangas coloridas, e... facões. Às vezes o sinal de concordância dos índios com o contato era demonstrado levando embora tais itens, e deixando em troca gêneros alimentícios (cachos de banana e peixe, por exemplo). Outras vezes, no caso de grupos mais aguerridos, as expedições faziam com que parecesse que aqueles itens, em especial os facões, tivessem sido tomados de assalto pelos guerreiros.

Bom. O fato é que os instrumentos cortantes de metal, sobretudo os terçados, acabaram sendo introduzidos nessas culturas, causando grande impacto nas suas formas de organização social. No caso dos Kayapó, eles foram incorporados aos utensílios femininos. Fazem parte tanto do seu trabalho diário - abrir picada, fazer roça, colher mandioca - quanto de sua defesa pessoal. Uma amiga minha um dia foi à roça com um grupo de mulheres Kayapó, colher mandioca. Com poucos minutos de trabalho, levou um profundo corte de terçado na perna e teve que retornar de avião imediatamente para Belém. Disse que as índias não paravam de gozar com a cara dela, de como era atrapalhada com o manejo do facão. O terçado é também o símbolo de sua valentia, como vimos no caso da Tuíra. Mas é usado também em momentos de dor e tristeza.

Uma médica obstetra, parente nossa, serviu no acampamento da Vale do Rio Doce. Disse que as índias levavam o facão até mesmo para o hospital no acampamento e, para seu desespero,

quando alguma criança falecia, os pais rasgavam as próprias roupas e se cortavam com o facão, dando golpes na cabeça, deixando escorrer grande quantidade de sangue e se negando a receber curativos. No ano 2000, quando do ataque do Exército e PM da Bahia à marcha indígena, os Kayapó que ali participavam, em sinal de revolta, também usaram o facão para rasgar as próprias roupas, ficando completamente nus no meio da rua. Então me parece que estes gestos - rasgar as roupas e usar o facão para provocar marcas no corpo, devem consistir num gesto simbólico. Mas acho que o corte no braço do engenheiro não foi intencional, senão não seria o único corte.

Em 1991 eu mesma e o Paulinho passamos por duas situações de tensão com os Kayapó, quando assessorávamos um encontro que discutia propostas para a nova lei indigenista. Eram cerca de 74 povos reunidos. Um jovem de certo povo que é conhecido como gozador, começou a fazer charges, algumas delas caçoando dos Kayapó e dos Xavante. Uma bela manhã, eu estava sentada no chão do plenário, ouvindo a fala da mesa presidida por um índio Pataxó Hã-Hã-Hãe. Atrás de mim, ouvi uns gritos de mulher se aproximando cada vez mais. Era a Tuíra, que vinha enfurecida com as charges nas mãos. Parou na frente do grupo de guerreiros Kayapó que se perfilavam, sentados no auditório, rasgou as charges, jogou no rosto do Raoni dizendo alguns impropérios do tipo "vocês não são homens?", ou "não valem o leite que mamaram no peito de suas mães", coisas do tipo. Vendo isso, saí correndo, quase passando por baixo das pernas da Tuíra. A coisa ficou feia. De bordunas nas mãos, os índios fecharam as saídas do auditório. Fui chamar o Paulinho, com a quem eles conheciam mais por conta dos trabalhos na Constituinte. Depois de meia hora de negociação, os ânimos se acalmaram.

Contudo, no dia seguinte, chateado conosco porque afirmávamos que a tutela havia deixado de existir (a Funai sempre trabalhou no sentido contrário, inculcando nos índios a idéia de que a assistência prestada pela tutela é a assistência econômica e que, sem a tutela, eles ficariam abandonados) Raoni resolveu levar embora os seus guerreiros. Fomos atrás, eu e o Paulinho, tentando convencê-los a ficar e a debater a questão. Os guerreiros se viraram para nós dois e, com lanças nas mãos, executaram passos de ataque contra as nossas pessoas. Nem preciso dizer que o desconforto de uma situação dessas é enorme, mas agente tem que estar preparado, para saber o que se deve fazer - ou não fazer - numa situação dessas. Nos calamos e ficamos parados. Nada nos aconteceu. E os Kayapó não seriam loucos de nos varar com lanças. Eles não são loucos. São guerreiros disciplinadíssimos. Mas também são extremamente polidos e diplomáticos.

Em nossa experiência no Cimi, sempre tivemos preparo antropológico para saber lidar com situações de tensão e choque cultural. A Eletrobrás deveria ter preparado o seu engenheiro para saber se comportar diante de um grupo indígena assim. Deveria ter preparado o seu representante para perceber os sinais, os códigos comportamentais: não seja ríspido, não diga que eles não têm alternativa, não continue a falar se for vaiado, não provoque a ira das mulheres, etc.

Mas a mídia resumiu tudo em "padres armam índios", índios "atacam engenheiro". Do jeito que as coisas vão, daí para "índios e padres terroristas atentam contra empreendimento", será um passo.